

CÉSAR, João Batista, MARTINS, José Pedro. Aldo, o menino que correu sorrindo para a morte: naquela manhã de 18 de setembro de 32, o menino de 9 anos esperava o trem que o levaria à casa do tio Bruno, garçom do Eden Bar, quando ouviu o ronco do avião... Correio Popular, Campinas, 13 ago. 1999. (Criança nos 500 anos)

Naquela manhã de 18 de setembro de 32, o menino de 9 anos esperava o trem que o levaria à casa do tio Bruno, garçom do Eden Bar, quando ouviu o ronco do avião...

JOÃO BATISTA CÉSAR E JOSÉ PEDRO MARTINS

em o clima de guerra conseguia macular a tranquilidade dominical. Na Estação Ferroviária de Campinas, o movimento era intenso às 11h30 da manhã do dia 18 de setembro de 1932. Famílias inteiras se deslocando de trem para a casa de parentes nos arredores da cidade; gente chegando feliz por poder passar o domingo na cidade grande. A família Chioratto, no meio da multidão, se dirigia para a casa do tio Bruno Nepote, garçom do Eden Bar. O pequeno Aldo, de 9 anos de idade, calçava os sapatos na hall da estação, quando ouviu o barulho de motor ecoar nos céus. O menino jogou os sapatos para o lado e saiu correndo. Aviões ainda eram uma grande novidade naquele tempo. Sua mãe, Ada Chioratto, ainda tentou segurá-lo, mas o menino já havia desaparecido.

A bomba caiu ao seu lado. Aldo morreu instantaneamente, atingido por estilhaços no estômago. Seu corpo foi levado para o bar Mercadinho da Estação, num clima de grande comoção popular. Aldo era filho do tintureiro João Chioratto e residia na Rua Campos Salles, 450. Cursava o segundo ano do curso primário

no colégio, que é hoje a EEPSC Orosimbo Maia. Muitas das pessoas que estavam na estação procuraram abrigo no Túnel da Paulista. Na cidade, quando dos ataques aéreos, a população costumava procurar abrigo no meio das árvores do Bosque dos Jequitibás.

No ataque deste domingo foram lançadas quatro bombas. A primeira varou o teto de zinco da Estação Mogiana e explodiu na viga de ferro do suporte, o que diminuiu seu impacto. A segunda matou o pequeno Aldo e feriu outras três pessoas, dois imigran-

tes italianos e um libanês, além de um outro menino, João Polli. A bomba caiu em frente à estação, entre o ponto de automóveis, o posto de telégrafo e a sessão de despacho. As outras duas caíram em residências nas imediações da Estação. Depois disso, a maioria dos moradores da região, num raio de um quilometro, foi para a casa de parentes.

VERMELHINHOS

A guerra se aproximava cada vez mais da cidade. Desde a quinta-feira anterior, a aviação getulista bombardeava continuamente a cidade. A Estação de Campinas, o principal entroncamento ferroviário do país, era um alvo em potencial. Os aviões, ainda precários, tinham pouco poder de fogo, mas causavam muitos estragos com as bombas e as rajadas de metralhadora. Para a população civil era uma experiência aterrorizante. Durante a quinzena, que engloba este domingo, Campinas sofreu dez ataques aéreos. Foram 57 bombas lançadas sobre a cidade, que causaram duas mortes, 31 feridos e 11 mutilados.

O campineiro Hugo Borghi, um dos pilotos da aviação paulista, lembra a desigualdade de forças entre os dois lados. A maior parte dos aviões constitucionistas era formada por aeronaves civis adaptadas e nunca chegou a haver mais de seis unidades operando simultaneamente. O pesquisador Jeziel De Paula conta como era o ataque: "Após descrever vários círculos sobre a cidade, o avião desligava o motor e mergulhava num pique. Imediatamente, longos assobios no ar, seguidos de dezenas de estrondos surdos, ouvidos por toda a cidade". Os aviões getulistas eram da marca Waco CSO, conhecidos como "vermelhinhos". O governo federal havia comprado 41 deles nos EUA.

Três dias depois do ataque, quatro aviões constitucionistas decolaram de Campinas e atacaram a base aérea governista, então sediada na Mogi-Mirim ocupada. Lá, destruíram, em terra, seis Wacos recém-chegados ao país. Foi a maior ação aérea já verificada no Brasil.

No dia 2 de outubro de 1932, as tropas getulistas invadiram e ocuparam militarmente a cidade. Menos de dois meses antes do ataque que matou Aldo Chioratto, no dia 23 de julho de 1932, Alberto Santos Dumont, o inventor da aviação, se suicidava no Guarujá. Uma das causas para isso havia sido justamente a utilização de aviões para fins militares, numa guerra entre brasileiros.

Aldo, o menino que
correu sorrindo
para a morte

